

## Prefácio

Escrever, gostar de escrever é (pode ser...) gosto de muitos e arte de alguns...

A palavra insinua-se, baila na cabeça, aparece e esconde-se até que, se começa a sentir a irreprimível inquietação que nos arranha e nos impõe a caneta.

No caso de António Gaspar Cunha deixem-me afirmar que gosta de escrever...

E gostar de escrever, basta? Eis a questão! Não basta! É preciso também, saber escrever...

É certo que as duas se podem apelar, até interpelar, mas a obra nasce da sua coexistência.

Vem isto a propósito do livro em análise: – O ENTERRO DA LOBA – cujo autor gosta e sabe escrever. O livro é, pois, para o leitor, um intermediário em que, narrando, relatando, traz à superfície o que resulta do que conheceu, viu e viveu.

Tratar-se-á de uma diegese ficcional?

Ao leitor a resposta...

Vamos à obra!

Nesta diegese, cruzam-se as vertentes de uma narrativa de qualidade:

intriga apelativa;

referentes geográficos e temporais que nos localizam no espaço e no tempo;

personagens bem identificadas, bem construídas, bem recordadas física e psicologicamente (cada personagem, das principais às secundárias, são, em si, a alegoria dos defeitos ou das virtudes humanas);

opponentes e adjuvantes;

um narrador omnipresente, omnisciente que perfura a mente e os corações e que domina o enredo.

E finalmente, os artifícios, os recursos estilísticos: conseguem espicaçar a nossa curiosidade e atenção, despertar emoções, reacções de raiva e sobressalto.

Bebe-se de “golada”. São tantas as emoções que se cruzam que não nos deixam arredar da leitura: tememos pelos “bons”, perseguimos os “maus”, tornamo-nos o Monsieur Poirot que, de dedução em dedução, quer descobrir caminhos que desemboquem na justiça.

As sequências narrativas integram-nos na própria aventura: contagiam-nos, obrigam-nos a sermos protagonistas e interagimos... roendo as unhas...

Consegue o autor levar-nos aos hábitos académicos de uma Universidade que, mesmo não localizada, será sempre uma Universidade, que pode ficar por aí, algures, perto ou longe de nós...

O livro é, pois, um libelo acusatório que aponta o dedo em várias direcções. Pode parecer, numa primeira abordagem, que é um dedo apontado contra a praxe. Não é! É reacção sentida, sim, visceral, contra “certa” praxe: a que humilha, a que desumaniza o caloiro e que, por outro lado, favorece os sentimentos mais vis, mais mesquinhos dos mandantes “Césares”.

Há, pois, um objectivo, uma razão emocional para o livro: desmascarar a “benigna” praxe académica. Não se fica por aí e deixa-nos o outro lado da moeda: o culto, a consolidação de valores morais e princípios éticos que não pactuam com a humilhação e não toleram a rigidez dessas “leis” sem lei...

Após a leitura (convite feito...) saberemos mais, aprofundaremos mais a ponto de, como Mário Pinto (uma das personagens, pai da Ana, estudante universitária), podermos ultrapassar (nós também...) “barreiras de escuridão” ...

Maio de 2018  
Conceição Lima

# I

Mário Pinto percorria uma das ruas mais esconsas de um dos bairros periféricos do Porto, típico pela vivência disfarçada e um pouco na orla da cidade conhecida. Era um final de tarde de um dia de Inverno, um daqueles dias particulares em que não se percebia se chovia ou deixava de chover. A escuridão da noite tinha tomado de mansinho aquelas ruas sujas e estreitas, onde de quando-em-quando se viam jovens encostados às paredes parecendo congeminar contra a própria existência. Nos recantos dos edifícios podiam ver-se outros, supostamente ocultos, a injectar nos corpos, já degradados, químicos que lhes davam asas por um tempo demasiado curto.

Naquele labirinto de escuridão e de gente, que pelas suas acções e postura o perturbavam, Mário Pinto perdeu-se. Viu-se, de repente, numa rua muito mais larga na fronteira do bairro com a restante cidade e onde também poderiam passar carros, até parecia estar fora do próprio bairro. Era uma rua povoada por algumas mulheres jovens vestidas com roupas coloridas e curtas a permitir exhibir distintamente os seus atributos corporais, principalmente aos condutores dos carros que por ali, de propósito, passavam. Foi abordado carinhosamente por algumas delas. Pagou para lhe indicarem o caminho para a Rua M. Afinal, estava muito perto do destino, e a circunstância de se ter perdido deveu-se mais a uma questão psicológica que propriamente à falta de orientação.

Quando lá chegou encontrou rapidamente quem procurava. Chamavam-lhe Zé Coxo. Todavia, de coxo tinha pouco. Na sua esqualidez, movia-se mais ligeiro que uma loba.

– Boa tarde! Chegou bem? Parece que se perdeu na Rua das Meninas... – saudou-o Zé Coxo numa linguagem mais polida, esforçando-se por evitar aquela pronúncia característica da zona.

– Boa tarde. Tem o material? – contrapôs Mário Pinto com o intuito de sair o mais rápido possível daquele lugar.

Foi assim que Mário Pinto comprou uma arma. Porém, o que não se compreende, ou talvez esta seja uma ideia que com o devido tempo se possa explicar, é a razão que incute num homem, com os valores éticos e morais de Mário Pinto, a necessidade de comprar uma pistola e praticar tiro ao alvo com o singular objectivo de a saber usar eficientemente. Parece que, a partir de um determinado dia, deste ano, em particular, passaram a existir dois seres dentro de si próprio! Aquele que toda a gente conhece e ainda se mantém; e uma segunda personalidade, fria e calculista, tomada pelo ódio. É quando fica sozinho que esta luta interior se intensifica, notando-se a determinação em levar por diante a tarefa que se propôs a si próprio. Não sabe a razão porque isso acontece, mas frequentemente vê-se a pegar na arma e a pensar nos motivos que o conduziram a esta situação. Nunca matou e sabe que quando o fizer será preso, mas também sabe que não poderá continuar a viver se não o fizer. Transformou o amor pela filha num ódio de morte que não controla e para o qual não estava preparado.

O seu trabalho consiste em gerir os colegas que mantêm o funcionamento das salas de aula no campus de uma universi-

dade. Está nesta instituição desde a fundação, e não entende o nome actual da sua categoria. As constantes renovações fazem com que fique com uma grande vontade de se ir embora. «Ah, se me pudesse reformar! Qual a relação da designação “Encarregado Geral Operacional” com as minhas tarefas na prática diária? Eu, simplesmente, faço a gestão das salas de aula e dos espaços anexos para que os alunos e Professores, mesmo existindo alterações pontuais, tenham sempre as salas prontas para acolher as aulas ou outros eventos.» Pensa para si próprio frequentemente. E exerce a sua função muito bem, ele sabe disso, nunca se queixaram; e quando alguma coisa fica descontrolada lá telefonam eles ao Sr. Pinto. Sr. Pinto isto, Sr. Pinto aquilo. Enfim, ele gosta que assim seja; é um exemplo para todos os colegas, não gosta de lhes chamar subordinados, trata-os como iguais. Por que razão a instituição não lhe chama o “Encarregado das Salas”? É a actividade, de facto, exercida por ele, e pela qual toda a gente o conhece; até usam, aliás, um nome mais carinhoso: “O Senhor das Salas”. “Sr. Pinto, o Senhor das Salas”, dizem quase sempre.

O Fábio, aluno na universidade há somente dois meses, dirige-se para a gabinete dos encarregados das salas. Está perdido, mudaram a sala onde decorreria a aula e não sabe o que fazer. Além disso, é uma aula muito importante para ele.

– Bom dia! O Sr. Pinto está?

– Bom dia. Está ocupado? Posso ajudar? – interpela-o um dos funcionários presentes.

– Nesta Universidade nunca ninguém está! Nada funciona... – responde rudemente o aluno, mas sem estar à espera de uma resposta como a que ouviu.

– Está muito enganado. Aqui tudo funciona bem, e muito

se deve ao Sr. Pinto. Gostava de lhe dizer, e fique com isto bem gravado na sua memória, se há algum lugar onde se trabalha bem é nesta secção da Universidade. O Sr. Pinto é um homem especial, em quem se pode confiar, com quem todos se identificam e de quem se pode ser amigo incondicionalmente. Nunca se esqueça disto.

Depois desta reprimenda, o Fábio explica o sucedido e recebe a resposta certa. É sempre assim, pergunta-se constantemente pelo Sr. Pinto; todos os colegas já sabem disso e não se importam. Sabem, também, que, quando chegam, já está no seu posto de trabalho, e que no fim do dia fica sistematicamente até mais tarde. Possui valores morais, de uma preciosidade única, os quais lhe permitem olhar para esta sociedade, frequentemente regida por uma liberdade a colidir com os direitos dos outros, e fazer o que está ao seu alcance para a melhorar. Durante a vida, assistiu de uma posição privilegiada a muitas modificações na comunidade em geral, mas sobretudo na instituição onde trabalha. É neste local onde melhor entende essa sociedade através da convivência, de um modo peculiar, com sucessivas gerações de pessoas das mais variadas proveniências.

Todavia, esta postura não tem como motivo tirar proveito pessoal da sua acção, advém da educação promovida pelos pais. Eram pobres e não podiam colocá-lo a estudar, apesar das boas notas na escola primária. «É uma pena ele não poder continuar a estudar!», dizia a Professora muito sensibilizada. Associada a esta inteligência funcional, «possuí uma sensibilidade para tudo o que o rodeia, mas principalmente para as pessoas», acrescenta a Professora muito orgulhosa.

Na verdade, nada melhor do que conviver com gerações su-

cessivas de pessoas na idade em que acabam por formar a personalidade, como são os estudantes universitários, para se ter uma imagem da evolução da sociedade. É a percepção, resultante das muitas conversas tidas com as pessoas, que lhe permite absorver esta ideia de progresso muito facilmente. Tem sido este cuidado em particular, olhando para as pessoas com um olhar clínico, a dar-lhe uma motivação suplementar para continuar o trabalho desta forma intensa.

Gostava particularmente de conversar com um professor que o convidava frequentemente para tomar um café num dos bares espalhados pelo campus. Uma rotina transformada, ao longo dos anos, numa necessidade para os dois companheiros de conversa. Conheciam-se desde que o professor entrou como aluno, e depois de muitas conversas a amizade fortaleceu-se tendo como matriz muitas ideias em comum.

– É um facto, esta universidade foi criada quando havia muito dinheiro para esbanjar – disse o professor.

– Não concordo! O que eles queriam era dar emprego aos amigos. Foi tudo por razões políticas – replicou Mário Pinto.

– Talvez...

– Por razões políticas decidiu-se criar uma Instituição de Ensino Superior com o objectivo último de satisfazer alguma clientela partidária.

– No entanto, apesar desta ausência de estratégia, a implantação da academia nesta cidade deu os seus frutos, uma vez que o burgo cresceu e aumentou o seu estatuto intelectual.

– Sim, é verdade. Para não falar nos vários milhares de estudantes que dão vida, não só às noites, mas, também, a muitas empresas tecnológicas que surgiram.

– Apesar de tudo, Mário. Pinto sente-se muito orgulhoso desta instituição.

– É como se fosse a minha segunda casa... onde passo os meus dias.

## II

Na geração de Mário Pinto, nascida na primeira metade da década de cinquenta do século XX, a perspectiva de vida, neste país chamado Portugal, era simples. Arranjar um emprego, casar, sair de casa dos pais e ter filhos. Esta era a situação mais privilegiada, porque muitos tinham de partilhar a casa com os pais enquanto não possuíam meios económicos para ter o próprio lar. Sem se poderem esquecer os milhares de emigrantes que mormente na Europa obtinham o sustento. Mário Pinto casou aos vinte e sete anos com uma mulher quatro anos mais nova, e com quem já convivia há tempo suficiente para perceber que era a companhia desejada e sem a qual não poderia viver. Júlia, de seu nome, era uma mulher um pouco mais baixa do que ele, elegante, com a pele muito branca, «olhos azuis como o mar», como ele lhe dizia ao ouvido, e os cabelos loiros. A sua bondade e sociabilidade, associada a uma beleza espontânea, conquistaram o seu coração. Depois, com o tempo e devido à sua personalidade, Júlia passou a ser o pilar familiar mais estável, tal como acontece naquelas famílias especiais onde a mulher assume esse papel naturalmente.

Agora, perto dos sessenta anos, a mente de Mário Pinto vagueia frequentemente pelo passado com a família. É quando se senta no sofá da sala que se deixa ficar sozinho com o próprio pensamento, esquecendo por completo a televisão que a mulher e os dois filhos se encarregam de ligar quando chegam. Vive